

A BRASILIDADE DE MACHADO DE ASSIS: UM NOVO CONCEITO DE NACIONAL.

THE BRAZILITY OF MACHADO DE ASSIS: A NEW NATIONAL CONCEPT.

Camila Oliveira Lopes*

Sarah Diva da Silva Ipiranga**

RESUMO: No Brasil, a busca por uma literatura essencialmente nacional foi sempre marcante. A inserção da paisagem brasileira na literatura começou ainda no século XVIII, no Arcadismo. No Romantismo, com o espírito de liberdade que tomou conta dos brasileiros em relação à metrópole (Portugal), fez-se ainda mais necessária a imposição desse sentimento de nacionalidade nos livros e escritos da época. Após o Romantismo, surge, com a figura do escritor carioca Machado de Assis, uma nova visão de nacionalidade. O objetivo deste trabalho é mostrar Machado como fundador da verdadeira literatura nacional, que foi inaugurada a partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881. Este livro, além de ser precursor de uma nova concepção de nacional, inaugurou o Realismo brasileiro e fez com que Machado e sua brasilidade repercutissem intensamente na crítica literária. Será apresentada a recepção das primeiras obras realistas do escritor, que foi caracterizada por opiniões diversas: a crítica com reservas de Araripe Jr., e o pensamento de Roger Bastide e Roberto Schwarz, que defendem a postura do escritor de partir do universal para ser essencialmente nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Brasilidade. Machado de Assis. Crítica Literária. Literatura Nacional.

ABSTRACT: In Brazil, the search for an essentially national literature was always been strong. The insertion of a Brazilian landscape in literature began in the eighteenth century, in the Arcadism. In Romanticism, with the spirit of freedom which was followed by Brazilians in relation to Portugal, it became more necessary to impose such feelings of nationality in the books and writings of the period. After Romanticism, a new vision of nationality comes with writer Machado de Assis. The objective is to show Machado as founder of true national literature, which began after the publication of *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in 1881. This book, besides being a precursor of a new conception of national, inaugurated the Brazilian Realism and made Machado and his brazility had impacts intensely on literary criticism. This article is going to show the critical reception of the first works of De Assis, which was characterized by diverse opinions, with writers who did not see the national aspect of your literature, as the critic Araripe Jr., and others such as Roger Bastide and Robert Schwarz, who support the stance of the writer from the universal to be essentially national.

KEYWORDS: Brazility. Machado de Assis. Literary Criticism. National Literature.

* Aluna do curso de Letras-Português da Universidade Estadual do Ceará.
E-mail: camila.gtn@uol.com.br

** Professora Adjunta de Literatura Comparada da Universidade Estadual do Ceará e Doutora em Educação Brasileira (UFC). E-mail: sarahpiranga@yahoo.com.br

Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado o maior nome da literatura brasileira de todos os tempos. Sua obra foi e ainda é objeto de estudo dentro e fora do Brasil. Um dos temas mais relevantes acerca da obra do escritor carioca é a questão da nacionalidade. Este assunto passou a ser relevante, principalmente no Romantismo, época em que o Brasil deixou de ser colonizado e sentiu a necessidade de se afirmar como pátria independente.

A crítica literária sempre se dividiu a respeito da nacionalidade de Machado. Muitos não enxergavam o Brasil nas obras do escritor e, por esse pensamento, alguns desgostavam de seus escritos e outros já o celebravam como o nosso primeiro escritor a se preocupar com assuntos universais. Além dessas visões, tinham ainda outros que viam o Brasil muito bem representado em seus escritos.

Neste trabalho, vamos analisar a recepção crítica da obra machadiana no que concerne à presença, ou não, do sentimento de nacionalidade. Para isso, vão ser estudos dois críticos e um sociólogo que escreveram sobre este e outros temas do nosso escritor carioca. São eles: Tristão de Alencar Araripe Júnior, escritor e crítico literário contemporâneo a Machado; Roger Bastide, sociólogo francês, brasilianista, que escreveu, em 1940, sobre a paisagem brasileira na obra machadiana, reagindo às tantas críticas que ele observou serem feitas ao escritor carioca; e Roberto Schwarz, crítico literário da atualidade.

Portanto, vão ser apresentadas três visões distintas no que se refere à brasilidade de Machado de Assis: a de um contemporâneo a Machado, que reagia às obras do escritor no calor dos lançamentos; o olhar “de fora” de um estrangeiro e a de um crítico atual, bastante influente no Brasil.

1. Formação de uma Literatura nacional

Por ter sido o Brasil um país colonizado, sabemos que a formação da nossa cultura, de forma generalizada, bem como da nossa literatura, se deve tanto à mistura de povos que aqui habitaram, quanto ao fato de a colônia ter

recebido forte influência da metrópole. Assim, os escritores europeus influenciaram bastante os escritores brasileiros.

Ainda no século XVIII, com o Arcadismo, os escritores passaram a inserir um pouco do Brasil em seus escritos. Foi a primeira atitude instaurada na busca de uma literatura nacional. A paisagem tropical, a fauna e a flora brasileira, os índios e temas relacionados ao momento histórico do período, como a mineração, passaram a ter destaque nessas obras. Essas novas temáticas, que substituíram as temáticas essencialmente européias, foram um prenúncio do que aconteceria com mais força no Romantismo.

Com a Independência do Brasil, em 1822, esse sentimento de liberdade para com a metrópole foi muito intenso e houve a necessidade de cada vez mais afirmar o Brasil como pátria soberana e livre. Assim, o Romantismo, que se inaugura em 1836 com a publicação do livro *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, configura uma nova visão da literatura brasileira, em que os escritores refletem, em suas obras, esse sentimento de nacionalidade. Buscando afirmar o Brasil como pátria independente, a cor local deveria ser a protagonista de nossos livros a partir de então.

Apesar disso, não se pode dizer que com o Romantismo a literatura brasileira tenha tomado um tom próprio, sem influências européias. A verdade é que as influências permaneceram, o que houve foi a transposição da paisagem e dos temas, que deixaram de ser da Europa para serem tropicais.

A título de exemplificação: no período romântico, na busca de um herói nacional que pudesse substituir o cavaleiro europeu, achou-se o índio, apegado a sua terra, forte e corajoso. Porém, o índio romântico foi idealizado e nele incutidos aspectos europeus. É devido a este e outros fatos que o Romantismo não pode ser considerado como a escola que inaugurou a literatura essencialmente brasileira. No entanto, não podemos deixar de ver a importância dessa escola para o início de uma preocupação com a formação de uma literatura nacional com características próprias e singulares. Não sem influências, pois, como bem explicita a crítica literária Lúcia Miguel Pereira:

O caso da influência literária, levando-se em conta que o homem se parece extraordinariamente com o homem, a despeito de todas as distâncias cronológicas e geográficas, e que as idéias e comparações, assim como os temperamentos, são, afinal de contas, limitadas, é dos mais difíceis de destrinçar. Quanta gente tem descoberto o descoberto e redito o dito, sem o saber... (PEREIRA: 1992, p. 202).

2. Machado de Assis: escritor essencialmente nacional

Após o Romantismo, a discussão acerca da nacionalidade na literatura brasileira foi marcante. A figura do escritor carioca Machado de Assis foi indiscutível para a afirmação da literatura verdadeiramente nacional. Ele foi considerado por muitos o primeiro escritor essencialmente brasileiro. Sua obra foi bastante discutida em todos os aspectos, mas principalmente nesse, no quesito nacionalidade.

Alguns não viam o Brasil em sua obra, outros celebravam o escritor como o primeiro de nossa literatura a incutir questões universais em seus escritos. Essas duas interpretações não conseguiram enxergar em Machado a nova visão de nacional que ele estava inaugurando. O próprio escritor, em seu “Instinto de nacionalidade”, nos fala de se fazer uma literatura nacional diferente da que vem sendo feita até então. Como ele bem explica em seu texto, não podem ser considerados nacionais apenas livros que tragam a paisagem brasileira e assuntos que só digam respeito ao Brasil. Há que se falar do homem em sua essência, e seus conflitos; por mais que se passem em um certo local, não podem restringir-se a ele:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (ASSIS: 1959, p. 817).

Neste texto o escritor carioca dá o exemplo de Shakespeare, que introduziu em suas obras muito de sua pátria. No entanto, os conflitos de seus personagens não são entendidos apenas por ingleses, mas sim por leitores de

todo o mundo, pois tratam da natureza humana e de aspectos desta que estão suscetíveis a acontecer com qualquer homem. Machado exalta esse tipo de literatura, universal, que chegue a todos os homens de todos os tempos e lugares. Essa literatura se diferia muito da que estava sendo feita em sua época, que possuía a única manifestação de nacional que os nossos escritores apresentavam e que era aceita pelos leitores: a natureza. Ela era tida como nossa apenas porque representava a paisagem e os assuntos brasileiros.

Em seu “Instinto de nacionalidade”, Machado executa a explicação e a defesa dessa nova visão de literatura nacional, a visão que ele mesmo estava inaugurando e que estava sendo tão ferozmente criticada. Ele atribuía à crítica literária de seu momento a culpa de nosso atraso literário, pois ela só poderia fundamentar uma nova modalidade do nacionalismo se fosse “uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países”.

O escritor carioca inaugurou a sua visão de nacionalidade a partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881. Este livro, além de ser precursor de uma nova concepção de nacional, inaugurou o Realismo brasileiro, mas foi o livro *Quincas Borba* (1891) que fez com que Machado e sua brasilidade repercutissem intensamente na crítica literária. A tríade Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, críticos bastante influentes e contemporâneos a Machado, reagiu intensamente a vários aspectos da obra machadiana, apontando defeitos, recorrendo à vida do escritor, elogiando alguns pontos e até admitindo mudanças de opinião.

3. Araripe Júnior: diversas opiniões

Tristão de Alencar Araripe Júnior era muito afeito ao determinismo e tomou a influência do *meio* como a formadora do estilo nacional. Deu ênfase à sua teoria da *obnubilação tropical*, que determina o choque do europeu ao pisar em terras tropicais, o que acaba provocando mudanças em suas atitudes. Araripe enxergou no escritor Aluísio Azevedo a plenitude de sua teoria e considerava que o naturalismo do escritor brasileiro havia superado o naturalismo do mestre Émile Zola e que isto ocorreu por causa da *obnubilação*,

pois o escritor francês retratava em suas obras uma sociedade decadente e Azevedo, uma cidade quente e em vertiginoso crescimento. As influências vindas de fora, quando aqui se apresentam, são “envenenadas pelo ambiente” e pelo temperamento do indivíduo dos trópicos, que é distinto e peculiar, e o resultado disso tudo é o que Araripe chamava de *estilo tropical*.

Apesar de defender essa percepção de literatura nacional, Araripe Júnior soube enxergar a brasilidade de Machado de Assis. Mas isso não se deu tão logo Machado inaugurou sua nova visão de nacionalidade. O crítico cearense criticou muitas vezes, de forma negativa, os livros de Machado. A sua reação demonstrava claramente o impacto causado pela obra do escritor carioca, visto que não atingia as expectativas da crítica literária da época, a qual defendia que a literatura devia representar o seu país de origem.

Assim, Araripe Júnior, pelo menos inicialmente, não enxergava nos livros de Machado nenhuma representação do Brasil e acusava-o de preferir os motivos de fora aos do próprio país.

Em relação às personagens femininas de Machado, Araripe chegou a ser indelicado com o autor, considerando-as “incolores, sem expressão”. O crítico justifica essa falha de Machado pela sua possível falta de experiência com as mulheres:

As mulheres do autor de *Quincas Borba* são em regra incolores, sem expressão. O motivo desta fraqueza acha-se na estrutura do talento de quem as imaginou. [...] Para bem retratar mulheres, é indispensável senti-las ao pé de si e cheirar-lhes o pescoço, ou brigar com elas, intervindo e perturbando os seus negócios. Machado de Assis, asceta dos livros e retraído ao gabinete, não as invadiu por nenhum destes aspectos; e por isso as suas heroínas não despedem de si esse *odor de femina*, que se aspira ainda nos tipos mais angélicos de Shakespeare, como por exemplo, Desdemona. (JÚNIOR: 1960, p.294).

Araripe não concorda com o certo recato de Sofia Palha em relação às investidas de Rubião. A personagem feminina é caracterizada como uma mulher desonesta, que aceita ser usada, pelo próprio marido, como objeto de desejo de outro homem, o que não justifica seu pudor em um momento em que de fato poderia acontecer algo a mais entre ela e Rubião. Com o comedimento

de Machado, por meio desse recuo de Sofia, Araripe enxerga no escritor uma exceção aos brasileiros, pois “nós brasileiros, de ordinário, preferimos cultivar a conversa de estilo pornográfico. Noventa por cento das frases diariamente emitidas na rua do Ouvidor, ou são claramente bocagianas, ou sublinhadas pelo vermelhão da lubricidade [...]”(JÚNIOR, 1960, p. 295)

Apesar de todas as críticas negativas feitas à obra machadiana, Araripe mudou de opinião acerca de vários juízos feitos por ele anteriormente. Assim, buscou retratar-se com o escritor carioca diversas vezes, admitindo sua visão fechada dos primeiros tempos, em que ele não conseguia enxergar aspectos brasileiros na obra de Machado de Assis e desculpando-se de várias injustiças que cometera com o escritor, como ao julgar as personagens femininas do autor pela sua vida pessoal, chegando a ser indelicado no artigo *Quincas Borba*, publicado na “Gazeta de Notícias” em 16 de janeiro de 1892.

Araripe classificou Machado como um dos poucos escritores brasileiros que conseguiram resistir aos julgamentos que recebera, visto que ele continuou com o seu estilo peculiar, mesmo tendo vivido sempre entre os elogios e as críticas.

[...] Machado de Assis fortaleceu-se na idéia e aprimorou-se na forma; mas hoje, como ontem, como em 1870, posso afirmá-lo, não mudou uma linha do seu primitivo eixo. Subiu, subiu muito alto; porém, a linha ou as linhas que prendem o seu papagaio multicolor são as mesmas com que ele o empinava quando menino, isto é, na época em que surgiram os seus primeiros livros. (Id, 1960, p. 292)

O humor de Machado também foi encarado de forma positiva pelo crítico cearense, que o classificou como um humor distinto. Distinção feita justamente com a aplicação da teoria da *obnubilação tropical*, proposta pelo próprio Araripe, explicada anteriormente. Expliquemos: o humor machadiano resulta do impacto sofrido pelo humor inglês ao ser absorvido em terras brasileiras.

Como já foi dito, o livro *Quincas Borba* foi bastante analisado por Araripe Jr. Em seu artigo intitulado *Ideias e sandices do ignaro Rubião*, publicado em 5 de fevereiro de 1893, também na “Gazeta de Notícias”. O crítico cearense tece várias considerações acerca da filosofia empregada por Machado nesse livro.

A teoria do personagem Quincas Borba foi vista pelo crítico como uma sátira de Machado, “para bulir com as respeitabilíssimas manias de alguns [...] filósofos” (JÚNIOR: 1960, p. 307), que mantinham sempre, em suas teorias, o diálogo com algum colega. Este, no caso de Quincas, era seu cachorro que levava o mesmo nome do dono.

E, finalmente, Araripe enxergou o Brasil na obra machadiana, considerando, ainda em seu artigo de 1893, o personagem Rubião como o próprio Brasil. Esse, visto pelo seu amigo Quincas Borba como ignorante, recebeu toda a fortuna do mesmo em testamento, com algumas ressalvas: o ignaro deveria guardar o cachorro Quincas Borba, tratá-lo como um humano e, em caso de morte, enterrá-lo com todos os procedimentos tradicionais de um enterro. Ele concordou com essa condição irrisória e permaneceu com todos os bens do amigo: “...e quem perdeu com o negócio foi o ignaro Rubião, o qual, aceitando a grande fortuna do amigo e as obrigações impostas em testamento, colocou-se na posição mais extraordinária que já se afigurou a um brasileiro.” (Id. 1960, p. 309).

Nesse artigo, Araripe considerou que Machado, na obra *Quincas Borba*, foi bastante irônico ao criticar as teorias de Auguste Comte e Charles Darwin, que juntas formavam a filosofia de Quincas. A ironia de Machado se sustentou na ignorância e ingenuidade de Rubião, que consentiu com a filosofia do amigo, mesmo sem entendê-la. Araripe considerou que Machado, ao conceber Rubião, quis fazer um retrato do homem brasileiro. Roberto Schwarz, em *Duas notas sobre Machado de Assis*, explica bem a indagação “Quem nos diz que este personagem não seja o Brasil?”, feita por Araripe em seu já citado artigo:

De fato, Rubião é ingênuo (mas não puro) no trato do dinheiro, da filosofia, do amor, da política, e um delírio de grandeza afinal lhe tira o juízo, o que pode ser visto como uma alegoria do Brasil, embora a alegoria não seja evidente (SCHWARZ: 1987, p.165)

4. Roger Bastide: Machado, paisagista

Muito diferente de Araripe Jr., Roger Bastide, sociólogo francês, considerou o escritor carioca, em seu ensaio *Machado de Assis, paisagista*, como pintor da natureza brasileira. Seu texto, como considera Antonio Candido¹, é precursor dessa visão de Machado como paisagista, e ele o inicia se perguntando se essa visão não seria paradoxal, remetendo aos tantos críticos que sentiam justamente a falta do Brasil na obra machadiana.

Ao longo do artigo, o brasilianista tece argumentos que provam que na obra do escritor carioca o Brasil está, sim, muito bem representado. Para ele, a paisagem brasileira está extremamente presente nos livros de Machado e, todavia, parece estar ausente. Essa afirmação contraditória será comprovada no decorrer do texto. Ele defende que o fato de Machado descrever com poucas palavras as paisagens brasileiras se deve aos gêneros escolhidos pelo escritor (conto, romance, novela), que não permitem exageros de descrição.

Bastide também explica a escolha desses gêneros pelo escritor carioca. Ele dispara várias hipóteses capciosas, para depois explicar que a escolha não foi aleatória ou pelo fato de Machado não saber descrever e, sim, por fatores sociohistóricos, pois a sociedade sofreu muitas transformações durante o Império. Com o crescimento das cidades, a sociedade deixou de estar isolada nas casas-grandes e as pessoas passaram a viver próximas, instituindo a prática do diálogo:

É evidente que a arte de Machado de Assis corresponde ao desabrochar dessa sociedade urbana, a esse instante de embriaguez após três séculos de patriarcalismo, de encerramento no círculo da família, a essa nova alegria de viver. Não é impunemente que a rua representa nos romances do nosso escritor um papel considerável: é que ela constitui o ponto de ligação das casas, une entre si as salas de visitas, significa o fim do isolamento colonial (BASTIDE: 2002-2003, p. 194)

Logo, a escolha de Machado por esses gêneros (em que predominam os diálogos e, portanto, não há muito espaço para descrições) não foi

¹Antonio Candido, no artigo “Machado de Assis de outro modo” (1993), comenta o ensaio de Roger Bastide, considerando-o o primeiro escrito que trata da obra machadiana de forma contemporânea.

simplesmente uma escolha e sim uma resultante da sociedade em que ele estava inserido.

Depois dessa longa discussão sobre a escolha dos gêneros utilizados por Machado de Assis, Bastide passa a defender a brasilidade do escritor carioca, que ele considera tão duramente criticado a esse respeito. Para ele, Machado escreveu como ninguém sobre o povo brasileiro. E observou que o escritor se esforçou ao máximo para se distanciar da escrita portuguesa, escrevendo “à brasileira” o máximo que podia. Porém, Machado considerava que o modo como estavam sendo escritos os romances ditos nacionais pouco apresentavam o Brasil de verdade, pois as paisagens eram descritas como se o olhar do escritor fosse o olhar de alguém de fora, que considera tudo exótico e diferente e faz comparações com outras naturezas.

Segundo Bastide, a razão para a dissimulação da natureza na obra machadiana é justamente o fato de o escritor carioca olhar o Brasil como um brasileiro, habituado às paisagens que o cercam, e não como um estrangeiro, que tudo acha exótico. É extremamente contraditório enxergar a natureza que o cerca como exótica e diferente, já que esta é a sua natureza e o que lhe pertence não lhe pode ser estranho. Por esse motivo, Machado de Assis pode ser considerado o mais nacionalista dos escritores, pois inaugurou uma nova visão de nacional, uma nova forma de representar a paisagem brasileira.

O sociólogo francês também considera que para Machado a paisagem não pode funcionar como um mero enfeite, ela tem que ser personagem do enredo, ter significação própria. A paisagem, na obra do escritor, está em toda parte, mesmo onde não aparece à primeira vista: “está nos conflitos do homem, no íntimo das almas”.

Na segunda parte do artigo de Bastide, ele faz certas considerações sobre técnicas de pintura para depois entender a paisagem nos livros de Machado de Assis. Ele explica detalhadamente o processo *Transposição dos elementos* na pintura em que se transferem os elementos da natureza para a personagem.

Consiste em revestir os indivíduos das cores e nuances da natureza que os cerca, em pôr o colorido das geleiras, as cintilações do mar, o

castanho ou o ocre da terra natal sobre a pele e as roupas das personagens. [...] A natureza pode, pois, parecer ausente de uma tela, estando na realidade estranhamente presente, no homem vestido de água, de céu e de terra. (BASTIDE: 2002-2003, p. 198)

Roger Bastide defende que esse processo foi utilizado por Machado na composição de suas personagens. Portanto, a paisagem brasileira não está suprimida da obra machadiana, como muitos afirmavam, ela está unificada com a própria personagem. O escritor carioca soube unir os elementos externos às personagens, “fazendo-[os] colar-se-lhes à carne e à sensibilidade, integrando-a na massa com que constrói os heróis de seus romances” (Id, 2002-2003, p. 199).

No entanto, para o sociólogo francês, Machado iniciou essa técnica sem tanta habilidade e paulatinamente foi aprimorando-a. Ao longo do artigo, Bastide vai dando exemplos dessa técnica empregada na obra machadiana e vai dizer que o escritor carioca transpõe os elementos da natureza principalmente à suas personagens femininas, às “mulheres-paisagens”, como ele nomeia: “a mulher não se isola da paisagem, mas aproveita-a, apropria-a, une-se-lhe, trá-la em si.” (Id, 2002-2003, p. 199).

As noites cariocas vão estar representadas nas mulheres machadianas, cujos olhos têm a própria cor do oceano que banha as praias brasileiras. Porém, a paisagem não estará apenas nos atributos físicos das personagens, mas também se fará presente em suas próprias personalidades. Dessa forma, a paisagem brasileira está intrínseca à obra machadiana, e é representada mais intensamente do que se fosse por meio de longas descrições, o que corrobora a tese de que Machado de Assis é um dos maiores paisagistas brasileiros, refutando as muitas críticas feitas ao escritor carioca acerca da sua falta de nacionalidade.

Antonio Candido, ao analisar esse ensaio de Bastide, nos fala:

[Bastide] Procurou mostrar que em Machado de Assis a paisagem do Brasil está presente de maneira mais poderosa, porque não é enquadramento descrito, mas substância implícita da linguagem e da composição, inclusive como suporte das metáforas. Em vez de procurar o “tema” foi descobrir o modo de elaborar o discurso, cuja

latência mostrou de maneira moderna e forte para o estado da crítica nos anos de 1940. (CÂNDIDO: 1993, p. 109)

5. Roberto Schwarz: brasilidade interior de Machado de Assis

Roberto Schwarz, crítico literário contemporâneo, também vê Machado de Assis como escritor nacionalista. Em seu ensaio “Duas notas sobre Machado de Assis” ele retoma a indagação feita por Araripe Jr. de ser o personagem Rubião a representação do próprio Brasil, explicitada anteriormente. A indagação é retomada para iniciar a análise das visões de vários críticos acerca da brasilidade de Machado. Ele nos fala que essa divergência de opinião dos críticos ainda chega até os dias atuais.

Segundo Schwarz, a nacionalidade do escritor carioca se dá de forma interior. Esse processo é descrito pelo crítico como “difícil de precisar, e mais ainda de explicar”, por isso, muitos críticos não conseguiram enxergar a brasilidade latente de Machado.

Note-se que as singularidades evidentes do país – aquelas em que os patrícios se reconhecem, com orgulho ou com riso – não estão ausentes do romance de Machado, a que entretanto elas não dão a tônica. Digamos sumariamente que em vez de *elementos* de identificação, Machado buscava *relações e formas*. A feição nacional destas é profunda, sem ser óbvia. (SCHWARZ: 1987, p. 166)

O crítico contemporâneo afirma que vários aspectos do Brasil estão inseridos nos romances machadianos, mas eles são descritos brevemente, “sem a insistência dos romances históricos, regionalistas, urbanos, ou de mitificação nacional”, visão bastante parecida com a de Roger Bastide das pequenas descrições em detrimento dos gêneros escolhidos por Machado.

Para Schwarz, os livros do escritor carioca concorriam com esses romances e o escritor provava que também tinha esse tipo de conhecimento para passar aos seus leitores, mas preferia deixá-los em segundo plano. Isso fez com que muitos críticos desgostassem da obra de Machado pela pouca descrição do Brasil e pela ironia exacerbada. Por outro lado, esses mesmos atributos fizeram alguns críticos verem no escritor carioca o primeiro a incutir o universalismo em seus escritos.

O crítico explica, ainda, que além dessas duas correntes existe uma terceira que se fundamenta justamente na junção dessas duas visões:

[...] ele [Machado] foi mais longe que outros na transcrição do dado social, bem como no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior, o que paradoxalmente o levava a dispensar os apoios do pitoresco e do exotismo e lhe permitia integrar sem servilismo os numerosos modelos estrangeiros de que se valia. Em consequência, é o nosso primeiro romancista que se pode ler sem o desconto de simpatia devido ao compatriota, não sendo por isto menos nacional. (SCHWARZ: 1987, p. 168)

Schwarz acredita que esta seja a visão da obra machadiana melhor fundamentada, pois o local não impede a manifestação do universal. A justaposição dessas duas visões também foi bastante discutida, pois Machado de Assis, ao colocar o local e o universal em seus livros, o fazia pela desigualdade que isso proporcionava ao enredo, o que garantia a comicidade em alguns episódios. Assim, o crítico deu o exemplo da personagem comadre Angélica do livro *Quincas Borba*, que se preocupava mais com seus animais do que com o próximo: “a tese é universal, mas a comadre é de Barbacena. A graça do capítulo está no desnível, e não na harmonia, entre a generalidade da tese e o detalhe localista da personagem” (Id, 1987, p. 170-171).

Portanto, a brasilidade de Machado de Assis não se encontra em suas curtas descrições do país e nem deixa de existir pela preocupação do escritor pelo universalismo. Esses dois níveis juntos, somados a mais outros tantos aspectos, é que nos deixa claro o sentimento nacional existente na obra machadiana.

6. Considerações finais

As três recepções críticas da obra de Machado de Assis, analisadas neste trabalho, são bem distintas, devido aos olhares diferentes que cada um possui e até mesmo pelo fato dos três estudiosos terem vivido em tempo e espaço diferentes um do outro.

Araripe Júnior, que possuía contato direto com o escritor carioca, primeiramente julgou a falta de cor local na obra machadiana e não

considerava Machado como um escritor nacionalista. Muitas vezes criticou de forma negativa os escritos de seu contemporâneo. Com o passar do tempo, mudou diversas vezes de opinião, retratando-se com Machado e chegando a enxergar em seus livros muito do Brasil e dos brasileiros.

Roger Bastide, não concordava com a opinião de vários críticos que não enxergavam a paisagem brasileira na obra de Machado e escreveu um ensaio reagindo a essas críticas. O sociólogo francês provou que a paisagem brasileira, mesmo parecendo ausente, está muito presente nos escritos de Machado. Porém, ela não está apenas nas breves descrições feitas pelo escritor, e sim, impregnada nas próprias personagens, em suas características físicas e em seu íntimo.

Roberto Schwarz retomou uma frase de um ensaio de Araripe Jr., para também tratar da questão da brasilidade de Machado. O crítico analisa as divergentes visões no que diz respeito à nacionalidade de Machado. Ele acredita que a obra machadiana é constituída pela junção dos aspectos locais e universais, que tornam perceptíveis o sentimento de nacionalidade que o escritor carioca introduziu em sua obra.

Concluimos que as três correntes apresentadas e analisadas, apesar de partirem de pessoas que viveram em tempos distintos, veem Machado de Assis como um escritor que se preocupou, sim, em colocar o Brasil em sua obra, mas de uma forma diferente da que vinha sendo feita antes do escritor. Ele inaugurou uma nova visão de literatura nacional, que não se preocupa somente em pintar as cores locais, mas que fala do homem em sua essência.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Instinto de nacionalidade*. In: *Obra completa*. V. 3. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

BASTIDE, R. Machado de Assis, paisagista. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 192-202, dezembro/fevereiro 2002-2003.

CÂNDIDO, Antônio. Machado de Assis de outro modo. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

JÚNIOR, Araripe. Quincas Borba. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. V. 2. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1960.

JÚNIOR, Araripe, Idéias e sandices do ignaro Rubião. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. V. 2. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1960.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Influências inglesas no humor machadiano. In: *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

SCHWARZ, Roberto. Duas notas sobre Machado de Assis. In: *Que horas são: ensaios*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.